

I T I N E R A N Z E

Gabriel Marcel
**Sofferenza,
terapia,
incontro**

ETICA E CRISI DELLA MEDICINA

A cura e con un saggio di Franco Riva



MARCEL, Gabriel. *Sofferenza, terapia, incontro. Etica e crisi della medicina*. A cura e con un saggio di Franco Riva. Trad. Paolo Scolari. Milano: Castelvechi, 2022, 96p (Collana: Itineranze) EAN: 9788832906080

Sofrimento, terapia e encontro: prismas médico-filosóficos em Gabriel Marcel¹

CLAUDINEI APARECIDO DE FREITAS DA SILVA²

Com a competente tradução de Paolo Scolari e o primoroso ensaio introdutório de Franco Riva, renomados pesquisadores italianos, a Castelvechi de Milão lança outro importante projeto editorial que se insere na Coleção Itineranze. Trata-se de *Sofferenza, terapia, encontro: etica e crisi della medicina*, um pequeno conjunto de textos do filósofo francês Gabriel Marcel. Esse precioso

¹ Essa recensão contou com uma primeira versão, em inglês, junto à *Medica Review. International Medical Humanities Review / Revista Internacional de Humanidades Médicas*, v. 11, p. 20-20, 2023, sob o título “*Suffering, therapy, and meeting*”. Disponível em: <https://journals.eagora.org/revMEDICA/article/view/5009>. DOI: <https://doi.org/10.37467/revmedica.v11.5009>

² Na área de Filosofia, realizou estágio pós-doutoral na Université Paris I/Panthéon-SORBONNE (2011-2012), doutorado na UFSCar (2007), mestrado na UNICAMP (2000), graduação na UNIOESTE (1994) e no IFA (1990). Foi Acadêmico Bolsista (1992-1994) e tutor (2013-2016) do PET (Programa de Educação Tutorial) do Curso de Filosofia da UNIOESTE, instituição em que atua como Docente na Graduação e Pós-Graduação (Stricto Sensu), na mesma área. E-mail: cafsilva@uol.com.br

material cuidadosamente recolhido sinaliza uma profunda reflexão que intercala, no contexto das ciências médicas, três temas fundamentais sob um ângulo filosófico singular: o sofrimento, a vivência terapêutica e o sentido último do encontro como manifestação intersubjetiva.

Marcel é um autor profundamente visceral sem deixar ao mesmo tempo de ser filosoficamente sensível. Ele interpreta o seu tempo com um olhar muito peculiar sobre a medicina situando-a para além de uma interpretação puramente rígida, burocrática, funcionalista, e, por isso mesmo despersonalizada. Para tanto, ele observa lugares e modos de prática médica, revisita trabalhos literários como o de Robert de Traz em *Les heures de silence*, sem deixar, é claro, de refletir a área sanitária em seu espectro mais amplo. Com isso, o filósofo avalia o espírito presente nos hospitais padronizados, diagnostica as condições de trabalho dos profissionais de saúde, bem como o sentido próprio da ideia de serviço num mundo cada vez mais tecnocrático e burocrático. Partindo desse cenário, Marcel lança um apelo programático: o de reabilitar a alma humanística da medicina. Entra então em jogo aí, em sentido humanitário, a relação direta médico/paciente reconfigurada terapêuticamente via a autêntica experiência do encontro. O que se trata de reconhecer é o fato essencial de que a própria vivência do paciente historicamente sofrida se manifesta como que sumamente relevante para se situar o rigor científico requerido numa arte e técnica científica tão exigente como é a medicina.

Ao reunir textos – como *O doente de Leysin*, *Amar o sofrimento? Carta à Elisabeth N...*, *A inseminação artificial: impactos psicológicos e morais*, *Observações sobre a despersonalização da medicina*, *Hipócrates e a medicina humanista*, *Observações sobre o futuro da medicina* e, por fim, *Doença: o ter que transborda no ser* – o livro realmente perspectiva um raio de abrangência *sui generis*. Para que o leitor tenha em vista um panorama mínimo desse entrelace temático, comecemos pelo primeiro eixo abordado: o sofrimento. Em sua correspondência à Elisabeth N., escreve Marcel: “O que quer que digamos do sofrimento, ele não é uma sombra, uma ilusão, uma miragem; ele é uma realidade” (*Sofferenza, terapia, incontro*, p. 52). E como tal cumpre acercar-se melhor de qual estofa essa realidade terrível é feita. Sendo assim, “o sofrimento

existe, sendo uma voz que emerge no que há de mais profundo em nós-mesmos, uma voz que não se deixa chegar ao ponto de se reduzir ao silêncio, silêncio esse que nos clama que *o sofrimento não deveria existir*. Aí reside o escândalo. Não há jogo de pensamento que possa eliminá-lo. Seria vão dizer que ele não existe, ou melhor, que *é uma mentira*” (Idem, op. cit., p. 52). Marcel, desde já, se pergunta: estamos diante de um problema *stricto sensu*? A resposta, do ponto de vista fenomenológico, só pode ser negativa. Por quê? Porque a manifestação do sofrimento nos lança numa ordem de experiência mais profunda, isto é, para além dos limites puramente físicos ou técnicos. Quer dizer, “na realidade, nos encontramos no insondável: há aí alguma coisa que é preciso vir a elucidar filosoficamente; algo estranho; o sofrimento não é suscetível de revestir uma significação metafísica ou espiritual senão na medida em que ele implica um *mistério insondável*” (Idem, op. cit., p. 54). Nosso filósofo está, com isso, acentuando a dimensão metafísica do sofrimento, uma espécie de atividade superior no sentido de espiritualizar tudo o que se coloca ou se reduz ao nível problemático como obstáculo. Esse caráter misterioso ainda aponta para outro aspecto decisivo: a experiência da comunhão, da intersubjetividade: “Eis porque eu não posso literalmente abordar o vosso sofrimento senão partindo do meu – e sob a condição de que o que era só seu também é meu, passa a ser meu ou mais exatamente nosso. Se um ‘discurso sobre o sofrimento’ é possível, só pode ser a partir de uma comunhão efetiva, vivida” (Idem, op. cit., p. 53). Eis porque “não se pode separar a doença da vivência do paciente. Isso é o que impede de reduzi-la a um simples vício de funcionamento. Ao mesmo tempo, a despersonalização ou a funcionalização da medicina só seria admissível se a doença pudesse ser reduzida a um colapso objetivamente rastreável ou reparável” (Idem, op. cit., p. 72).

O segundo eixo é a experiência terapêutica. Marcel insiste aí no caráter propriamente intersubjetivo que tal processo encerra, como acabamos de ver. Não se trata, obviamente, de desconsiderar a importância e eficácia dos métodos e técnicas habituais dos quais faz uso o médico. O cirurgião tem a prerrogativa da sua práxis, da sua técnica no seu exercício ou ofício, o que, diga-se de passagem, é tão necessário quanto vital. De todo modo, o que não se pode perder de vista é outro nível de aproximação da enfermidade e, portanto, do sofrimento; nível esse

no qual o paciente possa ser “tratado como um ser único, como um destino imortal” (Idem, op. cit., p. 52). Trata-se, enfim, de se estabelecer uma misteriosa relação, relação essa profundamente intersubjetiva como gesto concreto de comunhão. Assim, ao mensurar o peso existencial da doença e, conseqüentemente, do sofrimento, Franco Riva assinala em que termos melhor podemos compreender a relação terapêutica entre o médico e o paciente: “para reiterar que o sofrimento não se reduz a um problema técnico-científico e que é uma dimensão existencial e profunda que a resguarda, a despeito de toda aparência, Marcel não interrompe o seu discurso reivindicando o mistério para mim” (Riva, in Idem, op. cit., p. 8). Ao visitar a obra de Rita Charon, *Narrative medicine* (2006) que, inclusive, faz menção à figura de Marcel entre outros filósofos, Riva ainda chama a atenção para a “integração humanista da medicina” (Riva, in Idem, op. cit., p. 10). O intérprete mostra que a profissão sanitária envolve o reconhecimento da presença de outrem; presença tal que se revela imediatamente em um olhar, num sorriso, num aperto de mão. Trata-se, pois, de um modo de escutar, de dar ou, se quiser, de uma nova conexão, de um novo contato.

Pois bem, esse contexto anuncia, na aura que recobre tais escritos, outro tema caro, circunscrevendo o circuito temático geral: a experiência do encontro. A efetiva presença de outrem em meio ao labor clínico sugere uma dimensão empática fundamental. Ora, é isso, essencialmente falando, que Marcel tem em vista quando descreve a experiência do encontro. O encontro terapêutico entre o médico e o paciente se radica numa intercorporeidade essencial: a do corpo vivido como lugar, por excelência, desde onde emerge toda intersubjetividade ou a mais alta comunhão. É nesse plano que a situação-limite do sofrimento reconfigura completamente tal ordem de relação, ou melhor, de encontro. Essa questão faz-nos lembrar, por exemplo, o pequeno, mas fulgurante livro *Phénoménologie de la rencontre* (1952) de F. J. J. Buytendijk, renomado cientista holandês de orientação fenomenológica que, aliás, nesse pormenor, foi um dos autores mais atentos da obra de Marcel ao observar que “a fonte comum de conhecimento de onde procede uma fenomenologia do encontro não é a consciência transcendental, mas a consciência engajada (Merleau-Ponty) ou o ser

em situação (Gabriel Marcel), compreendidos a partir do conhecimento das formas fundamentais da existência humana” (Op. cit., p. 11). Observa mais Buytendijk: “pensamos que cada forma concreta de encontro pode, de início, ser conhecida psicologicamente na transcendência do encontro” (Op. cit., p. 16) razão pela qual devemos “compreender que cada encontro autêntico é como um acontecimento humano cultural no qual se manifesta a ambiguidade da existência” (Op. cit., p. 8). Cômescio disso, em seu *Essai de philosophie concrète* (Paris: Gallimard, 1999, p. 22), nota Marcel: “encontrar alguém não é unicamente cruzar com ele; é estar, ao menos por um momento, perto dele, com ele; como uma *co-presença*”.

Isso posto, ao gravitar em torno desses três eixos temáticos fundamentais, *Sofferenza, terapia, encontro* brinda não só o leitor de língua italiana e estudioso de filosofia, mas à comunidade científica como um todo e o público geral não especializado, um rico e instrutivo subsídio que reaviva cada vez mais a cultura atual num contexto interdisciplinar de difusão do conhecimento.